

*Com amor,
Aurora*

 *essência*
TATIANA
AMARAL

 *essência*

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tatiana Amaral, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados

Preparação: Mariana Rimoli
Revisão: Laura Vecchioli e Laura Folgueira
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Renato Klisman
Imagens de capa: angel_nt / Adobe Sock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Amaral, Tatiana

Com amor, Aurora / Tatiana Amaral. – São Paulo : Planeta,
2020.
416 p.

ISBN 978-65-5535-064-7

1. Ficção brasileira I. Título

20-2003

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
R. Bela Cintra, 986 — 4º andar — Consolação
01415-002 — São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PRÓLOGO

Desci do táxi sem me dar ao trabalho de abrir o guarda-chuva. À primeira vista, tudo estava em seu devido lugar. A calçada impecável e vazia, o poste que iluminava a entrada, as grades longas, escuras e grossas que separavam os passantes dos moradores. O portão abriu com rapidez, demonstrando a atenção do porteiro, e entrei, evitando ficar exposta à chuva.

Cruzei o jardim correndo até chegar à marquise. Conferi as horas. Droga! Mais um dia em que me dediquei inteiramente ao trabalho, sacrificando minha família. Com certeza Raquel, minha filha de cinco anos, já estaria dormindo e Davi, meu filho de dezesseis, na internet, sem se importar se eu estava ou não em casa. Pelo horário, Hugo, meu marido, devia estar na sala, olhando o relógio de cinco em cinco minutos, ensaiando o discurso da noite.

Há muito tempo Hugo desistiu de tentar me encontrar pelo celular e, por causa disso, guardava todas as suas palavras para descarregar em mim quando eu chegava em casa.

Hugo é professor de História Contemporânea na maior universidade do Rio de Janeiro. Trabalha muitas vezes à noite, mas nada comparado ao tempo que dedico às minhas atividades profissionais. Eu sempre estou ausente, e ele, mesmo não gostando da ideia, tenta cobrir a minha falta. Contudo, nunca, nunca mesmo, sem reservar um tempo para me passar um sermão.

— Boa noite, dona Helena! — Sr. Jailson, o porteiro noturno do prédio, me cumprimentou com seu típico sotaque nordestino.

— Boa noite!

— Muita chuva, não é mesmo?

— Sim, muita chuva. — O elevador chegou. — Bom trabalho para o senhor. Entrei, apertando o décimo segundo andar.

— Uma boa noite para a senhora também. — Fez uma reverência ao fechar a porta.

Encostei a cabeça no espelho e fechei meus olhos cansados. Eu havia passado o dia inteiro na redação da revista em que ocupo o cargo de editora-chefe. A revista mais conceituada do Brasil em termo de informações sociais e econômicas, uma posição importante e, como tal, cheia de compromissos que sugam minha energia e me impedem de ser uma personagem atuante na minha família.

Suspirei.

Não era para ser assim. O problema era que, com a instabilidade do país, a economia uma bagunça, nenhuma certeza relacionada ao futuro e no auge dos meus quarenta anos, eu não podia me dar ao luxo de priorizar qualquer outro aspecto da minha vida que não fosse o meu trabalho.

E aquela semana tinha sido uma loucura. Demoramos para fechar a edição, aprovar o conteúdo, as imagens... As horas passavam voando, impedindo que a culpa me atingisse antes de eu colocar os pés em casa, quando me dava conta de que havia deixado tudo para trás outra vez.

O cansaço fazia meus ombros doerem. Não havia qualquer possibilidade de encarar outra briga com Hugo. Ele estava coberto de razão, e ainda assim eu me sentia sufocar, sem ser compreendida ou incentivada em termos profissionais. Um banho quente, um jantar leve e minha cama era tudo que eu desejava.

Respirei fundo quando inseri a chave na fechadura. Clark, meu *yorkshire-terrier*, latiu, me saudando. Ao menos alguém estava feliz em me ver. Abri a porta com cuidado, tirando a bolsa do ombro. A sala vazia me deixou aliviada. Provavelmente Hugo desistiu de me esperar e foi dormir. Ótimo!

Passei pelo espaço amplo e escuro captando a luz fraca que saía por baixo da porta do quarto de Davi e, para a minha infelicidade, do meu também. Droga! Sem coragem para encarar o problema, bati na porta do meu filho. Como imaginei, Davi conversava pela internet com amigos virtuais. Nada contra, afinal de contas, eu também passava o meu dia conectada a todos os tipos de redes sociais possíveis.

— Oi! Posso entrar?

— Oi, mãe! Pode, sim.

Davi era lindo com aquele sorriso aberto com dentes alinhados e os olhos verdes como os do pai. Mas os ombros largos, o corpo magro e o cabelo negro e liso, herdara do avô. Todas as vezes que eu o olhava, sentia aquele friozinho no estômago, como se estivesse encarando meu pai em uma versão jovem.

— Dia longo?

— Longuíssimo! — Encostei a porta e fechei um pouco os olhos. — Sabe dizer como está a minha situação?

Davi, apesar de preferir estar com os amigos e de sempre estar mais preocupado com o próprio mundo, era o meu guardião.

— Hum! Acho que ele não está muito bravo hoje. Parece que trouxe trabalho para casa. — Sorriu travesso. — Está há um bom tempo lendo na cama. Raquel dormiu cedo. Ela não parou de perguntar por você.

Uma pontinha de tristeza me atingiu. Minha filha sentia a minha falta, assim como eu sentia profundamente a dela, mas não teríamos o padrão de vida que tínhamos se eu não me dedicasse tanto ao trabalho.

— Vou tentar me redimir.

Davi colocou os fones nos ouvidos outra vez. Era a minha deixa para sair.

Caminhei até o meu quarto. Ao entrar, capturei a atenção do meu marido. Não percebi nenhum sinal de desaprovação na maneira como me olhou, pelo contrário, Hugo endireitou o corpo na cama, tirou os óculos e esboçou um sorriso leve.

— Oi! — Fui cautelosa.

— Oi! Que bom que chegou. Já jantou? — Imediatamente recuei, sinalizando que sim. — Está muito cansada?

— Bastante. O que é isso tudo? Você nunca gostou de trabalhar na cama.

Deixei a bolsa na poltrona e tirei as sandálias de salto. Meus pés doíam.

— Aconteceu uma coisa estranha hoje. Gostaria de conversar com você sobre isso.

— Certo. — Mesmo desconfiando daquele comportamento, eu me sentei na ponta da cama. — O que aconteceu?

Hugo abriu um sorriso imenso, seus olhos ligeiramente divertidos.

— Você não perde uma oportunidade, não é?

Meu marido ficava encantador quando sorria daquela forma. Lembrava o homem com quem me casei há vinte anos.

— Tenho que ficar atenta. Tudo pode virar notícia. Conte!

Desviei os olhos para os papéis velhos em suas mãos, com as pontas viradas e amareladas pelo tempo. Onde ele havia conseguido aquilo?

— Conte sobre o convite para mediar a abertura da cápsula do tempo enterrada nos jardins da universidade há vinte anos, lembra?

— Sim, contou. Você fará uma pequena abertura, relembando o que aconteceu na época em que foi enterrada e comentando o que mudou ao longo desses vinte anos. Que dia mesmo será o evento?

— Foi hoje. — Balançou a cabeça, negando-se a entrar naquele problema, ao mesmo passo em que eu me encolhia, constrangida. — Abrimos a cápsula hoje de manhã, Helena.

— Hugo, eu... sinto muito.

— Tudo bem. Tudo bem. Não é sobre isso que quero conversar.

Fiquei tensa. Era um acontecimento importante. Consegui até mesmo um espaço para a cobertura dele. A matéria estaria em nosso site. Meu envolvimento com a revista me consumia tanto que não me atentei ao que acontecia ao meu redor.

— Certo! A cápsula do tempo. O que aconteceu?

Hugo voltou a prestar atenção aos papéis.

— O evento foi tranquilo, tudo saiu como deveria ser. Estavam presentes os vinte participantes, que aguardavam pela abertura da cápsula. Você sabe, eles escreveram sobre a própria vida, contaram as suas histórias e deixaram registrado o que existia de mais importante para eles há vinte anos. Dessa forma,

deveria haver vinte manuscritos. — Fez uma pausa e juntou os papéis, formando um grosso bloco.

— Sim. O que isso tudo tem a ver com este material que você tem em mãos?

— Quando abrimos a cápsula e começamos a distribuir os manuscritos, percebemos que havia mais um, ou seja, onde deveria existir vinte, tinha vinte e um. Este. — Levantou o material em minha direção. — Maior do que os demais e sem remetente. Parece que foi colocado com os outros, sem registro. Ninguém sabe como aconteceu nem quem é o responsável por ele.

— É fácil descobrir. Basta olhar nos arquivos de vinte anos atrás. Com certeza há fotos, nomes dos responsáveis... É fácil chegar a quem colocou este material lá dentro. Deixe-me dar uma olhada.

Hugo puxou a mão para que eu não conseguisse tirar dele os papéis.

— Helena, eu pedi para ficar com este material. Como eles não sabiam do que se tratava nem quem era o responsável, deixaram sob os meus cuidados. Eu trouxe para cá e comecei a ler. É a história da vida de uma pessoa. Uma mulher. Que obviamente não quer ser encontrada. Esta foi a forma que ela escolheu de contar a sua história sem que precisasse se expor. E, pelo que consegui ler até agora, é de fato muito... diferente.

— Preciso ver do que se trata, Hugo.

Paciência nunca foi o meu forte. Por isso, enquanto Hugo protelava para me entregar o material, eu me irritava, querendo ler aquela história. Afinal de contas, o que de anormal poderia acontecer a uma mulher? Pelo menos o que ela poderia contar que não tivéssemos visto ou de que não tivéssemos ouvido falar? Pelo amor de Deus, estamos no século XXI! As informações chegam mais rápido do que a velocidade da luz!

— Certo. Mas prometa que não vai tentar investigar ou publicar, nem nada parecido, sem o meu consentimento.

Ele falava sério, me olhando nos olhos. Ponderei. Era melhor concordar e saber do que se tratava do que não aceitar as suas condições e perder aquela novidade.

— Tudo bem. Posso ver agora?

— Pode. Vou buscar uma xícara de café para você. Com certeza será uma longa noite.

Ao ficar sozinha com o material, passei os dedos pelas páginas amareladas, com receio. O que ele queria dizer sobre termos uma noite longa? Peguei a primeira página e iniciei a leitura.

“Incentivada pela certeza de que minha história deveria ser contada, escrevi este manuscrito. Não pelo fato de precisar mostrar para o mundo o que me aconteceu e até onde cheguei, mas pela necessidade de colocar para fora o que venho guardando há anos dentro de mim.

Uma história única, secreta, repleta de lágrimas, rancor, ódio e amor. Não. Não pense que encontrará aqui um conto em que a gata borralheira sofre durante anos, maltratada pela sua madrasta e, no final, conhece o príncipe encantado, como uma recompensa por ter suportado todas as mazelas com resignação. Minha história é o contrário de um conto de fadas.

Como começar? Todos os fatores que nos levaram até o ponto alto desta história são tão antigos e profundos, incrustados em nossas almas, que se torna difícil saber quando, onde ou pelas mãos de quem tudo começou. Apenas sei que em diversos momentos o amor e o ódio guerrilharam, demonstrando que os dois, sozinhos ou misturados, podem arrasar uma vida inteira e tudo que a cerca.

Foi o que aconteceu comigo.

Meu nome é Aurora. Claro que este não é o meu nome real. Jamais teria coragem de contar minha vida com a cara limpa. Muito menos de expor todos aqueles que amo. Sim, é porque eu os amo verdadeira e profundamente, mesmo que muitas vezes esse sentimento tenha se expressado como o mais puro ódio, que me reservo o direito de escondê-los.

Vou contar aqui como muitas vezes o amor pode ser a sua maior ruína e o ódio, a sua melhor arma.”

Respirei fundo sem saber ao certo como uma história narrada como um romance apocalíptico poderia me impressionar, mas confesso que, depois de tantos textos comentando sobre a conjuntura econômica, financeira e social mundial, ler um pouco sobre qualquer outro assunto era relaxante. O único fator perturbador era que me sentia como se estivesse lendo o diário de alguém e nele pudesse encontrar os mais terríveis segredos de uma vida inteira.

Eu me recostei na cabeceira da cama, estiquei as pernas sobre o colchão e coloquei aquele material em meu colo. Se era para eu ler, então que começasse logo.

CAPÍTULO 1

Paraty — 1976

— Onde você conseguiu esse disco, Aurora?

Pedro Otávio, meu irmão, se aproximou animado assim que liguei a radiola de segunda mão, recém-adquirida por papai, e a agulha fez a música preencher a sala. Ensaiei alguns passos seguida de perto pelo meu irmão, que imitava os artistas que gostava de acompanhar.

— Fatinha me emprestou — revelei sem deixar de dançar.

— Maior barato! Ela manja de música.

— Que forma é essa de falar, Pedro Otávio? — papai esbravejou, sem conseguir deixar de sorrir para a nossa animação.

— Essa juventude fala por códigos, Ivo. — Mamãe entrou na sala secando as mãos no avental. Ela também sorria orgulhosa da nossa nova aquisição. — Quem está cantando?

— Abba — falei, aproveitando o momento.

Aquela noite parecia especial. Mamãe sempre ficava feliz quando papai comprava algo novo pra casa, mesmo que fosse de segunda mão. Ela abriu a janela e afastou as cortinas. Troquei um olhar constrangido com papai. Nós dois sabíamos que quando mamãe queria se exhibir para os nossos vizinhos ela abria a janela da sala e deixava que todos soubessem da novidade.

Aquela era a maior característica de mamãe. Fútil e exibida. Sua cabeça de passarinho, como dizia papai quando precisava justificar os delírios da esposa, sonhava com uma vida como as das novelas, uma casa grande, uma vida fácil. Nada conforme a nossa realidade.

Papai, o sr. Ivo Paixão, era um homem que gostava de honrar seus compromissos. Trabalhava em um hotel antigo, no centro de Paraty, como gerente. Ele se orgulhava de ter curso técnico em contabilidade, detalhe que lhe dava certa vantagem em relação a alguns vizinhos. Contudo, éramos uma família simples, vivíamos do que papai ganhava, mamãe era dona de casa, eu e Pedro Otávio estudávamos.

Bom, eu estudava. Meu irmão ia à escola e arrumava confusão. Sequer se animava com a possibilidade de ir para a faculdade. Dizia que tiraria o segun-

do grau e arrumaria um emprego para comprar um carro. Pedro Otávio era um iludido, assim como mamãe. Eu não. Eu parecia muito mais com papai e sonhava em poder ir para a faculdade.

Aliás, aos dezesseis anos, esse era o meu principal objetivo. Para alcançá-lo, em meus planos estavam não apenas os estudos, mas ter recursos financeiros também. Jamais me iludiria achando que os rendimentos de papai poderiam me proporcionar tal proeza. O que ele ganhava mal sobrava para um dia de lazer ao lado da família, quem dirá para bancar uma faculdade no Rio de Janeiro.

Por isso aquele era o dia ideal, quando a minha família se reunia feliz, sem o cansaço de uma longa jornada de trabalho, desfrutando da felicidade de ter algo tão desejado por todos, mesmo sendo de segunda mão, como um disco emprestado. Aquela era a minha chance de abordar o assunto.

— Papai? — Eu me sentei ao lado dele, seguindo o seu olhar. Mamãe dançava envergonhada com meu irmão. — Quero te pedir uma coisa. — Ele voltou a atenção para mim, mantendo-se leve e exibindo um sorriso.

— Está precisando de alguma coisa?

— Não, papai. Está tudo bem comigo. Queria pedir a sua autorização para trabalhar.

— Trabalhar?

Olhei rápido para mamãe, que ria com a mão no peito, ofegante.

— Quero começar a juntar dinheiro para a faculdade — revelei.

Seu olhar passou de preocupado para triste, o que me constrangeu. Uma risada de mamãe, seguida da interrupção da música, cortou o nosso momento.

— O que foi? — perguntou ela ao se aproximar, os olhos atentos.

Não respondi. Eu conhecia os planos de minha mãe para o meu futuro e não me sentia nada confortável com eles. Mamãe não entendia que a última coisa que eu queria era arrumar um bom casamento e me tornar dona de casa. Claro que eu desejava me casar um dia, mas não com qualquer pessoa.

Meu rosto esquentou ao pensar nele. Gabriel. Balancei a cabeça espantando as lembranças. Papai deu dois tapinhas na minha mão sobre o assento do sofá antes de responder a minha mãe.

— Estive pensando, Dorinha. Talvez esteja na hora de conseguirmos algum ofício para Aurora. — A cara de espanto de mamãe me desanimou. — Estamos na alta estação, o hotel está lotado de turistas. Precisamos de ajuda com a organização dos passeios.

— Mas Aurora? Por que não Pedro Otávio?

Todos nós sabíamos por que não Pedro Otávio. No verão anterior papai quase perdera o emprego por causa da falta de profissionalismo do meu irmão. Chamado para trabalhar na alta estação no hotel, Pedro Otávio conseguiu o escândalo absurdo de se envolver com uma hóspede casada. Não houve fla-

grante nem marido querendo reparar a sua honra. Graças a Deus, uma funcionária leal alertou papai, evitando que o pior acontecesse. Impediu-se a fofoca, sem que a situação chegasse aos ouvidos do proprietário do hotel.

— Aurora é apenas uma menina! — Ela disse, aborrecida.

— Ela precisa de um ofício e poderá aprender datilografia — papai rebateu.

— Aurora é uma moça que merece mais do que ficar atrás do balcão em um hotel velho.

— Dorinha, a menina quer ser útil.

— Ela ainda estuda!

Mamãe se afastou, fingindo estar horrorizada com o que papai acabara de propor.

— É meio período, e somente durante as férias.

— Você não cansa de me humilhar, Ivo — disse mamãe, chorosa.

— Por que humilhar, mamãe? — interferi.

Conhecia aquele padrão. Quando mamãe queria alguma coisa ela chorava, fingia se sentir humilhada, alegava os comentários maldosos dos vizinhos, fazia com que papai ficasse péssimo por não conseguir atender a todas as nossas necessidades. Que Deus me perdoasse, mas eu odiava o que ela fazia.

— O que as pessoas vão dizer? Nós sequer conseguimos nos sustentar sem depender dos esforços dos nossos filhos.

— Mamãe...

— É na escola? Sabe o esforço que fazemos para que Aurora estude naquela escola. Como os colegas vão aceitá-la se a menina for uma simples balconista de um hotel de segunda classe?

— Dorinha! — papai a repreendeu.

— Ela estuda com os filhos das melhores famílias de Paraty, Ivo! Se qualquer garoto estiver interessado nela, como acha que a família vai aceitá-la?

— Parem com isso! — Eu me levantei aborrecida. — A senhora precisa parar de sonhar com um casamento que mude a sua realidade.

— Aurora! — papai me repreendeu enquanto mamãe levava a mão à boca, surpresa com a minha rebeldia.

— É a minha vida, papai! Não quero me casar com um garoto rico, não quero ser dona de casa e não quero realizar os sonhos da mamãe.

— Ingrata! — mamãe esbravejou, escondendo o rosto para fingir o choro. Pedro Otávio sorriu com malícia e foi acalantar a nossa mãe.

Era sempre assim, mamãe fingia sofrer para que todos fizessem a sua vontade. Pedro Otávio fingia se importar para, desse jeito, arrancar dinheiro da nossa mãe. Ele era o filho querido dela. Mamãe conhecia todos os desvios de personalidade do meu irmão e justificava cada um deles.

— Dorinha, você está fazendo uma tempestade em um copo d'água.

Mamãe se levantou, encarando papai. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas na mesma hora, porque aquele era o seu momento final. Dorinha sempre conseguia o que queria, e eu nada podia fazer contra aquilo.

— Se a minha opinião não vale de nada nesta família, mesmo eu me esforçando ao máximo para criar essas crianças da forma correta, então não tenho mais nada a fazer nesta sala. Faça como quiser, Ivo. Aurora? — Ela se virou para mim sem me olhar de fato. — Coloque o jantar para seu pai e seu irmão. Estou com muita dor de cabeça, não vou comer. Com licença.

Saiu batendo os pés, cortando rápido o pequeno perímetro da nossa casa até alcançar seu quarto, no qual se trancou deixando papai do lado de fora. Evitei olhar para ele. Papai achava que não percebíamos, mas, quando mamãe trancava o quarto, ele dormia no pequeno sofá da sala, e no dia seguinte ela brigava por causa das almofadas largadas no chão.

Revirei os olhos e suprimi um gemido de insatisfação. Papai não merecia aquele comportamento. Eu ficava triste demais por saber que daquela vez eu era a causadora do problema.

— Desculpe — sussurrei.

— Ela vai ficar bem, Aurora.

— E eu não vou poder trabalhar, não é?

Papai entortou a boca, contrariado, avaliando a situação.

— Não posso desconsiderar a opinião da sua mãe.

Suspirei derrotada.

— Mas ninguém vai achar ruim se você me ajudar nos finais de semana. O movimento é maior. É um começo.

— Obrigada, papai!

Beijei seu rosto. Ele riu sem jeito.

— Agora vá providenciar tudo para o jantar. Preciso ir para o hotel.

Mais confiante, mesmo as coisas não tendo saído como eu pretendia, fui para a cozinha verificar o que mamãe tinha preparado. Retirei a louça do armário, peguei os talheres e levei para a mesa para servir a sopa. Ainda faltava coar o café e cortar o pão, mas eu não reclamaria do trabalho.

Pedro Otávio voltou a colocar o disco na radiola, a música chegava até a cozinha, mesmo que em um volume baixo. Imaginei ser uma exigência de papai, visto que mamãe tinha reclamado de dor de cabeça.

Dor de cabeça! Sei!

Eu só queria entender por que ela própria não havia se casado com um homem rico, da alta sociedade, uma vez que tinha esse sonho. Como mamãe podia acreditar que aquela seria a melhor solução para mim? Ela não poderia escolher o meu futuro marido, nem mesmo interferir na minha escolha. E eu já tinha feito a minha, embora evitasse a todo custo que mamãe soubesse dessa informação.

E não era porque ia contra tudo que ela sonhava para mim, e sim porque era exatamente como ela queria. Às vezes eu me pegava imaginando como mamãe reagiria se descobrisse que eu me encontrava em segredo com o único herdeiro das empresas Ross. Ela decerto faria planos antes mesmo que Gabriel pudesse desejar firmar o namoro e, quando isso acontecesse, já teria o casamento esquematizado.

Não. Eu não era o seu bilhete premiado. Gabriel Ross podia ser o nome mais bem quisto entre as garotas da minha geração. Qualquer família ficaria satisfeita com a união de uma de suas filhas com o garoto Ross, pois era certeza de uma vida sem limitações financeiras. O problema era que eu não o via como um caminho para uma vida confortável. Eu amava Gabriel com toda a minha força, a minha alma, a minha mente, o meu... não sabia como explicar a ciência daquele amor, porém podia afirmar com toda certeza que, se Gabriel fosse filho de um pescador, um caçara, eu o amaria da mesma forma.

Por isso não podia deixar que mamãe estragasse tudo com seus sonhos fúteis e ideias esdrúxulas de casamento. Foram quatro longos anos assistindo a Gabriel se divertir com as garotas da escola sem me notar e um ano de desespero quando ele deixou a cidade para estudar no Rio de Janeiro. Nesse período, cheguei a acreditar que não o veria mais, ou que, quando Gabriel aparecesse outra vez, estaria comprometido ou encantado com as garotas mais modernas.

Para minha sorte, não foi o que aconteceu. Gabriel voltou naquele verão e pela primeira vez me notou. Desde então, nos encontrávamos às escondidas e vivíamos os melhores dias da minha vida.

O correto seria conversar com meus pais, não aceitar me encontrar com um garoto em lugares pouco movimentados e trocar beijos apaixonados. Tudo podia dar errado em situações como essa. Além disso, mentir para papai me deixava triste. Era como trair a sua confiança. Papai jamais me constrangeria ou exigiria qualquer coisa de Gabriel, como também não tiraria vantagem da sua condição financeira. Já mamãe...

Não! Era melhor não arriscar. De fato, mamãe facilitaria a minha vida à simples menção do sobrenome Ross, mas o que viria com o seu apoio para aquele relacionamento decerto roubaria a minha paz.

— Esquentou a sopa? — Mamãe me pegou de surpresa, aparecendo na cozinha.

— Pensei que a senhora não jantaria — retruquei, aborrecida.

— Seu pai me pediu para relevar, e eu tomei um comprimido. — Sei! Até parece que ela estava mesmo com dor de cabeça. — Pegue a sopeira — ordenou ela, assumindo o controle da cozinha.

Tratei de não desobedecer, esmerando-me para deixar a mesa de jantar da maneira como ela gostava. Foi quando ouvimos a batida na porta.

— Boa noite, sr. Ivo, tudo bem? — Ouvi a voz de Fatinha, minha melhor amiga, estranhando a sua chegada justo na hora do jantar.

— Boa noite, Fátima! Vou chamar Aurora.

Papai não precisou me chamar, num instante eu estava na porta da cozinha, pronta para recepcionar a minha amiga.

— Fatinha? — Pedro Otávio se adiantou, cheio de charme. — Você aqui a esta hora?

— Como vai, Pedro Otávio?

Fatinha e eu reviramos os olhos ao mesmo tempo e depois rimos.

Pedro Otávio era uma cópia da minha mãe. Ele queria um bom casamento e, assim, se livrar das dificuldades da vida. Qualquer garota com um pai empresário poderia ser o seu alvo, por isso não cansava de tentar seduzir a minha melhor amiga, que, sabendo como ele era, não lhe dava espaço.

— Melhor agora! Você está abafando com esse vestido.

Papai desviou o olhar, um pouco escandalizado com o comprimento do vestido da minha amiga e suas botas de cano longo e salto alto, nada condizentes com as nossas ruas. Mas o que eram ruas de pedra para alguém que se movimentava de carro?

— Vai ficar para jantar, Fatinha? Tudo simples, mas feito com muito amor.

Mamãe também gostava da ideia de amigos importantes, por isso não economizava nos cuidados com minha amiga, afinal de contas, era uma Abreu na nossa casa.

— Não, dona Dorinha. Obrigada! Meu pai gosta de jantar com todos à mesa. Fica para outro dia.

— Claro! É assim mesmo que deve ser. Os filhos precisam seguir o que os pais desejam, não é mesmo?

Fatinha me lançou um olhar engraçado, pedindo socorro.

— O que faz aqui? — perguntei, para acabar com o seu sofrimento.

— Vim trazer isso.

Ela estendeu para mim um envelope branco enquanto se controlava para não saltitar na sala de tanta ansiedade.

— O que é isso? — Mamãe se aproximou, querendo saber.

— Um convite — Fatinha revelou.

— Convite? — perguntei, um pouco confusa.

— Abra! — Fatinha começou a dar pulinhos no mesmo lugar, sem conseguir se conter.

Abri o envelope e tirei de lá de dentro um convite escrito com letra cursiva em uma caligrafia linda.

— Convite pra quê? — Mamãe se aproximou ainda mais. Meu coração acelerou. — Na mansão dos Ross? Uma festa?

— Vai ser maravilhosa, Aurora! Gabriel disse que mandou trazer um globo. Vai ser como as boates dos filmes! Você vai, não é?

Olhei constrangida para o meu pai. Ele seria a parte contra naquela questão, enquanto mamãe seria a parte impossível de conter.

A festa não era nenhuma novidade para mim. Na verdade, cheguei a dizer a Gabriel que meu pai jamais me deixaria ir para Trindade à noite, principalmente para uma festa em uma casa que ele não conhecia. Pelo visto Gabriel entendeu que, se aquele convite chegasse ao conhecimento da minha mãe, nada me impediria de ir. O que era horrível!

— Claro que ela vai! — Mamãe falou por mim, pegando o convite da minha mão sem acreditar nele. — Viu isso, Ivo? Aurora foi convidada para uma festa na mansão dos Ross.

Papai suspirou derrotado, sabendo que de modo algum venceria minha mãe naquele embate. Fatinha arqueou uma sobrancelha, me encarando, e acabei sorrindo.

— Precisamos pensar em todos os detalhes. Temos pouco tempo, Aurora. Você não pode ir com qualquer roupa.

Desta vez gemi sem receio.

Gabriel não sabia, mas ele acabou dificultando a nossa vida.



CAPÍTULO 2

Rabiscando o papel sobre o balcão da recepção do hotel, eu pensava que era mesmo ruim que justamente o meu primeiro dinheiro trabalhando tivesse que ser destinado a roupas para ir à festa na casa de Gabriel.

Aquela história não me deixava satisfeita. Não por completo. Mamãe saber sobre o convite impediu que papai negasse o pedido para ir à festa; no entanto, o fato de ela saber me colocava em uma posição horrível. Desde então, todos os dias, eu precisava conviver com seus planos. Ela atormentava a cabeça de papai, exigindo dinheiro para comprar roupas novas para mim, e não podia ser qualquer roupa. Não. Mamãe queria que eu fosse a mais bonita da festa, a que, com certeza, ganharia o coração do único herdeiro Ross.

Minha cabeça doía só de pensar no assunto. Papai trabalhava duro para que nada faltasse em casa, mas a verdade é que ele não podia bancar roupas de luxo para mim, nem eu queria que se esforçasse para atender aos caprichos da esposa. Era por isso que eu estava ali, trabalhando para comprar uma roupa nova e assim agradar a mamãe sem sacrificar papai.

O problema é que meus ganhos naquele primeiro final de semana não seriam o suficiente para comprar qualquer peça na boutique Le Charm, a mais elegante da cidade e que oferecia as roupas de acordo com a tendência da época. Às vezes eu namorava os modelos expostos sem nunca me atrever a desejá-los.

No máximo conseguiria algo com dona Anaelisa, a senhora que morava próximo a minha casa, que costumava reproduzir alguns modelos das revistas e revendê-los a um preço justo. Ainda precisaria encontrar algum que não precisasse de ajuste. O que, com certeza, aborreceria mamãe.

Resolvi pegar a pasta dos clientes interessados no passeio para Trindade na manhã seguinte e deixar tudo organizado o quanto antes, quando ouvi as risadas conhecidas bem próximo de onde eu estava. Não precisei olhar para cima para confirmar de quem se tratava. Na verdade, eu a ignoraria, se ela não estivesse tão disposta a me aborrecer.

— Aurora? Não sabia que você trabalhava aqui agora.

Seu tom debochado me fez repensar nas teorias de mamãe. Débora Siqueira, a ex-namorada de Gabriel, uma garota boba que odiava morar em Pa-

raty e sonhava com o dia em que Gabriel a salvaria daquela realidade, me olhava com seu ar superior do outro lado do balcão, junto a sua fiel escudeira, Natália Marques.

Nenhuma das duas pertencia a famílias abastadas da cidade, no entanto era inegável que a situação financeira de ambas era superior à minha. Sem contar que ambas eram lindas, bem-vestidas, sabiam se comportar como as garotas dos filmes e sempre foram destaque na escola. Todos os garotos queriam uma chance com qualquer uma delas.

Mas nenhum desses fatores mexeria tanto comigo se Débora não fosse a garota que atormentou meus sonhos durante quase dois anos, o período em que namorou com Gabriel. É difícil manter a autoestima quando o rapaz por quem você está apaixonada desfila pela cidade com a garota mais bonita da escola. Por esse motivo Débora me aborrecia tanto. Ela minava a minha autoconfiança.

— Só nos finais de semana — informei tarde demais.

Natália me analisou com certo desprezo, o que me deixou em estado de alerta. Antes ela simplesmente me ignorava. Saber que seu olhar recaía sobre mim com interesse, mesmo que o interesse fosse me desprezar, me deixava mais consciente das duas ali.

— Está sabendo da festa do Gabriel? — perguntou Natália, fazendo uma cara de quem se esforçava muito para falar comigo.

— Sim. Fui convidada.

Uma troca de olhares suspeita entre elas me deixou com a pulga atrás da orelha.

— Já sabe o que vai vestir? — Débora, de repente, demonstrava total interesse em mim.

Recuei incomodada.

— Ainda não.

— Pedi para minha tia trazer alguns modelos de São Paulo. Ela chega amanhã — anunciou Débora, com pretensão. — É a primeira vez que teremos uma festa na mansão dos Ross desde o casamento de Tomásia com Charles. Eu que não vou me apresentar como uma boko-moko.

A maneira como ela pronunciou o nome dos pais de Gabriel, com certa intimidade, não ajudou em nada a melhorar o meu estado de espírito. Como eu podia competir com aquilo?

— Que bom. — Foi o que consegui dizer.

Eu era uma garota boba que chorava por qualquer coisa, essa era a verdade sobre mim. Por isso minha garganta ardia enquanto eu lutava para impedir que o choro me atingisse. Precisei piscar mais vezes do que o normal, tudo para manter as lágrimas sob controle.

— Como pretende ir, Aurora? De ônibus? — perguntou Natália, rindo no mesmo instante, acompanhada pela amiga.

— Com Fatinha.

— Ah, claro! Então... — As duas se olharam como se trocassem alguma informação.

— Nós nos vemos na festa — Débora finalizou.

— Tchau — respondi tarde demais. As duas já deixavam a entrada do hotel.

Encarei aquele caminho com os olhos ardendo de raiva e humilhação. Não havia qualquer explicação para aquelas duas estarem ali além do intuito de atazanar. E era incrível como eu só conseguia pensar nas melhores respostas quando não existia mais a chance de dizê-las! Que raiva!

A pior parte era saber que elas conseguiram atingir seu objetivo. Minaram minha vontade de ir à festa. Estava decidido. Eu não iria mais. Não me atreveria! Como poderia chegar à mansão dos Ross, conhecer os pais do Gabriel, vestindo qualquer coisa? Como poderia dar a Gabriel e aos pais dele a chance de fazer aquela comparação quando estava ciente de que não havia comparação?

O telefone tocou e me sobressaltei. Respirei fundo para não comprometer o meu desempenho profissional.

— Casarão colonial, bom dia!

— Aurora! — Fatinha quase gritou do outro lado da linha.

Relaxei.

— Você nem vai acreditar em quem acabou de sair daqui.

— O Gabriel? — Seu tom conspiratório misturado com ansiedade me fez rir.

— Só você, Fatinha! Já pensou como papai ficaria se encontrasse Gabriel aqui na recepção? — Ela riu do outro lado enquanto eu tentava imaginar como seria ter Gabriel, tão lindo, tão perfeito, empoleirado naquele balcão velho e antigo. — Débora e Natália.

— O que foram fazer aí?

— Vieram me dizer que não tenho roupa para ir à festa — confessei, desanimada.

— Elas disseram isso?

— Não diretamente.

— Que megeras! Débora deve estar desconfiada, Aurora.

— Desconfiada como? Nós nunca demos pinta! — Sussurrei, a fim de evitar que algum funcionário pescasse qualquer informação.

— Não sei, não.

— Não vou à festa — anunciei de uma vez.

— Como assim? É lógico que você vai! Você é a namorada do Gabriel!

— Fatinha!

— Ninguém está me ouvindo. Olha, você vai, não é?

— Não tenho roupa, Fatinha! Posso trabalhar o mês todo e mesmo assim não terei como comprar tudo de que preciso para essa festa.

— Ah, Aurora!

— Não posso deixar mamãe tirar mais dinheiro de papai. Não é justo!
 — E se eu te emprestar uma roupa? Nós temos quase o mesmo corpo, e eu tenho muitas peças transadas que trouxe da minha última viagem. Ninguém vai perceber que é emprestada. Vamos, Aurora!

— Não sei, não.

— Por favor! Aquela festa não vai ter graça nenhuma se eu não tiver que passar a minha noite imaginando o que você e Gabriel estão fazendo.

— Fatinha! — Comecei a rir. — Vou pensar.

— Está decidido, você vem se arrumar aqui em casa e escolhe o que quer usar.

— Tudo bem, então.

Fátima tinha aquela facilidade. Ela era uma garota diferente das outras. Era tão rica quanto Gabriel, no entanto não fazia distinção de classe quando escolhia com quem deveria se relacionar. Por isso éramos amigas. Ela era doce e educada, sem deixar de ser dura e certa quando necessário. Nutria um amor secreto por Maurício Siqueira, irmão mais velho de Débora e melhor amigo de Gabriel, e o seu maior problema, adivinhe, era justamente Débora.

— Muito trabalho hoje?

— Só no início da manhã. Agora está bem tranquilo. — Um garoto entrou no hotel e caminhou para a recepção. — Tenho que desligar agora. Falo com você mais tarde.

— Falou!

— Bom dia, a senhorita Aurora?

— Sou eu.

Encarei o garoto enquanto ele olhava o hotel com curiosidade.

— Tenho um recado para a senhorita.

Sem deixar de admirar o espaço, retirou um papel dobrado do bolso e me entregou, mas não foi embora, aguardou por minha resposta.

Abri o papel, me deparando com uma caligrafia conhecida. Minha pulsação acelerava à medida que aquele nome ganhava uma forma e um rosto em minha memória. Gabriel. Sorri, deliciada demais para me conter.

“Posso te encontrar hoje? Mesmo horário e mesmo local?”

O ar dava piruetas em minha barriga, causando um calafrio delicioso.

— Preciso levar a sua resposta, senhorita — o menino me alertou.

Com as mãos tremendo e o corpo inquieto, peguei a caneta sobre o balcão e escrevi um breve “sim”. Dobrei o papel, devolvendo-o ao pequeno mensageiro enviado pelo garoto que roubava o meu fôlego. O menino disparou porta a fora, deixando-me contando cada segundo restante.



Precisei correr para pegar o ônibus que me deixaria em Trindade. Gabriel poderia me buscar de carro, o que facilitaria tudo; no entanto, eu preferia fazer da maneira mais difícil, mantendo em segredo o que tínhamos. Afinal de contas, como esconder um Fiat 147 dos olhares curiosos? Se Gabriel já era uma sensação por si só, com aquele carro parecia que mais nada existia quando ele passava.

Para papai, eu disse que visitaria Fatinha e que ela me levaria de volta no final do dia, já que não havia mais ônibus naquele horário. Era uma mão na roda que minha melhor amiga morasse no mesmo lugar dos pais de Gabriel.

O lado inconveniente daquela aventura era aguentar mais de uma hora de percurso, sacolejando em um banco duro de transporte público. Ao menos a distância ajudava a manter o plano inicial intacto. Ainda não havia chegado a hora de mamãe saber sobre Gabriel.

E isso acontecia não apenas porque mamãe era absurda em seus sonhos, mas também, ou principalmente, porque o que eu tinha com Gabriel era uma incógnita. Não que eu tivesse dúvidas quanto ao que sentia por ele. Eu havia passado anos demais fantasiando com aquele garoto para agora me questionar sobre a profundidade dos meus sentimentos. E o fato de Gabriel ser ainda mais incrível do que eu projetava em meus sonhos só colaborava para a maneira como eu me sentia em relação a ele. Eu amava Gabriel com tudo que um amor era capaz de proporcionar. Podia ser uma ideia um tanto quanto infantil, típica de uma adolescente romântica que assistia a novelas demais ou dedicava muito tempo aos livros, mas como moldar aquele sentimento a algo mais real se o que ele me proporcionava chegava a superar as minhas próprias suposições?

O que me afligia ao ponto de esconder aquele romance dos olhos da minha mãe era a incerteza quanto ao que Gabriel sentia. Mesmo Fatinha me garantindo que o amigo retribuía meus sentimentos, eu não conseguia ter essa certeza. E não era porque Gabriel deixava claro que nosso romance só viveria enquanto as férias durassem, não, ele em nenhum momento deu a entender que seria assim. Nem porque demonstrava um interesse raso ou superficial, nunca indo além de uns amassos na praia. Nada disso era real. Gabriel era sempre gentil, amoroso, apaixonado, cuidadoso... ele era tão incrível que minha insegurança desaparecia quando sua mão tocava a minha ou seu olhar encantado me abrasava.

Porém como acreditar que o amor tudo vencias quando eu me deitava em minha cama e enxergava o imenso abismo que existia entre a gente? Como esquecer que vivíamos em mundos opostos, que eu não passava de uma caçara, uma garota boba e deslumbrada, cuja única viagem inesquecível se resumia a um final de semana no Rio de Janeiro?

Não. Não havia como esquecer que Gabriel era um universitário, único herdeiro de uma cadeia de hotéis de luxo, lindo, lindo demais, capaz de ter quantas garotas desejasse.

E era para mim que ele sorria naquele momento, enquanto me aguardava na praia dos Ranchos, deserta devido ao horário do último ônibus, para caminharmos juntos até a praia do Meio. Usando shorts e camisa social com as mangas dobradas, que revelavam braços fortes, olhando para mim como se eu fosse o que ele tinha de mais valioso, Gabriel era o que eu podia descrever como um sonho feliz.

— Demorou desta vez — ele disse ao se aproximar.

O sorriso amplo conseguia ofuscar a paisagem a seu redor.

Seus olhos percorreram o ambiente, decerto se certificando de que não éramos observados, então, quando me aproximei o suficiente, ele entrelaçou os dedos nos meus e se inclinou para depositar um beijo em meus lábios.

Acontecia sempre da mesma forma, meu coração acelerava antes mesmo do primeiro toque, minha pele formigava quando seus dedos estavam nos meus e minha mente saía do ar quando ele me beijava. Meu corpo ficava uma bagunça, uma loucura de sensações e reações que me deixava tonta, ansiosa, confusa. Quando os lábios dele se juntavam aos meus, quando se abriam e permitiam que a língua experimentasse a minha, algo dentro de mim perdia o controle, e ao mesmo tempo me deixava extremamente consciente do seu corpo tão próximo, fazendo com que eu perdesse a noção de qualquer outro fato. A praia, a rua, o sol, o mundo deixavam de existir.

Ele sorriu, os lábios ainda colados aos meus, ao perceber meu corpo enfraquecer, arrebatado pelo sabor único dos seus beijos. Suas mãos, antes presas em meus dedos, buscaram minha pele, alcançando minha cintura e me puxando para perto dele.

— Gabriel! — protestei sem fôlego, dominada pelo calor que sempre atigava em meu corpo quando ele me tocava.

— Brotinho! — Ele sorriu descendo os lábios por meu pescoço. — Que saudade de você! Recebeu meu convite?

— Recebi — respondi, com um muxoxo.

— O que foi? Seu pai não deixou você ir?

— Ele não teve nem tempo. Mamãe está encarando como se eu tivesse sido convidada para um jantar no palácio da rainha da Inglaterra. — Ele riu.

— É sério!

— Sei que é. Desculpe, gatinha, não encontrei outra forma de te ter na festa. Seus dedos acariciaram minha bochecha, me fazendo perder o foco.

— E você não vai me contar o motivo para festejar? — desconversei. Gabriel fez uma careta e recuou. Não gostei nadinha daquela reação. — Tem algum motivo especial?

— Tem. Vamos andando.

Ele me puxou para iniciarmos nossa caminhada até a praia do Meio, onde poderíamos ficar mais à vontade, os dedos ainda nos meus. Seus olhos per-

maneceram no chão durante todo o percurso, como se buscasse uma forma melhor de me contar seus planos.

À medida que andávamos, a sensação incômoda crescia dentro de mim. Uma ideia de que meus pesadelos estavam mais próximos da minha realidade do que eu seria capaz de evitar. Paramos embaixo de uma árvore, e ele me fez sentar na grama. Quando se acomodou ao meu lado, não disse nada. Gabriel abraçou os joelhos e encarou o mar. A água de um azul claro parecia ainda mais bonita àquela hora da tarde. A areia branca colaborava para o cenário tão maravilhoso, me fazendo acreditar que eu jamais seria capaz de me acostumar àquela paisagem. Eu sempre me deslumbraria com as praias de Trindade.

No entanto, daquela vez, mesmo impactada com a imagem encantadora, a tristeza me abatia. Eu queria falar alguma coisa. Qualquer coisa divertida ou inteligente que nos ajudasse a voltar para o clima apaixonado. Contudo o medo que pairava dentro de mim congelava minhas ações, me limitando a ser uma mera espectadora. Ele suspirou, se rendendo ao que o momento exigia, e meu coração perdeu uma batida.

— Eu vou embora — anunciou.

Por um segundo não consegui reagir, pelo simples fato de não assimilar o que aquelas palavras significavam. Entretanto, meu corpo agiu mais rápido do que minha mente entorpecida pelo medo, fazendo meu estômago doer, minhas mãos e meus pés ficarem gelados.

— Agora? Antes de as férias acabarem? — consegui balbuciar.

— Fui aprovado na Universidade de Coimbra. Sabe o que significa isso?

— Sua voz não demonstrava qualquer dor pela distância que tal realidade nos impunha, enquanto dentro de mim a tempestade se instalava.

Então era aquilo mesmo? Eu não passava de uma aventura de verão para Gabriel? A garota por quem ele se interessou no final daquele ano? O amor que eu nutria por ele não era o mesmo sentimento destinado a mim. A dor se instalava em meu peito ao mesmo passo que uma vontade de rir de mim mesma lutava contra as lágrimas que já se formavam. Eu queria zombar do meu sofrimento, repetir aquelas palavras que tanto me machucavam até que entendesse o quanto eu fora ridícula em acreditar em algo impossível.

— Aurora? — Eu não conseguia falar. Encarei o mar à nossa frente, permitindo que as lágrimas descessem. — Aurora! Por que está chorando?

— Eu... por nada!

Limpei o rosto com as costas da mão, mesmo ciente de que continuaria chorando e que a situação se estenderia por muito tempo. Talvez mais do que gostaria ou suportaria.

— Aurora, por que você está assim?

Ele me abraçou com cuidado.

Tive vontade de pedir para que não fizesse aquilo, para não me consolar ou sentir pena de mim. Porém meu amor era doentio. Eu queria seus braços ao meu redor pelo tempo que ainda me restava. Queria me agarrar a Gabriel e implorar para que ele não me abandonasse.

— Desculpe! — Solucei. — Desculpe, Gabriel! É que... a notícia é maravilhosa! Meu Deus! Portugal? — Tentei rir, mas soou como uma risada histérica.

— Você está com medo, não é?

— Ah, por favor, não pense em mim agora.

— Meu amor, olhe pra mim.

Havia uma espécie de frenesi que assolava meu corpo todas as vezes que ele se dirigia a mim com tamanho ardor. O sentimento empregado naquelas pequenas palavras “meu amor” fazia com que tudo parecesse correto, perfeito, porque dava a entender que havia amor, que compartilhávamos do mesmo sentimento. Era injusto e, ainda assim, eu me apegava àquela mentira. Porque eu queria acreditar que Gabriel me amava, e continuaria acreditando se ele me dissesse que iria estudar em qualquer outro lugar do Brasil, mas... Portugal?

— Aurora, nós vamos ficar juntos.

— Por favor, não faça isso! — Desviei os olhos. Ele segurou meu queixo me impedindo de fugir.

— Não estou brincando com você. Eu...

— Você vai embora, Gabriel! E desta vez não é mais para o Rio de Janeiro, o que, para mim, já era uma realidade horrível. Você vai atravessar o oceano, pelo amor de Deus!

— Eu sei. Eu sei disso tudo. Acha que não pesei os fatos? Não posso deixar de ir. É uma oportunidade maravilhosa e... eu preciso disso. Preciso dessa distância, as coisas... preciso dar um tempo. — Sua voz assumiu outro tom. Uma mistura de dor, raiva, confusão que me deixou desnorçada.

— Por que está falando isso?

— Deixa pra lá. Olha, eu tenho um plano. — Ele pareceu mais animado, o que me confundiu ainda mais. — Quando você terminar a escola, vai me encontrar em Coimbra. Sei que parece muito tempo, mas não é. E depois disso ficaremos juntos.

Desta vez eu ri de verdade. Como Gabriel podia ignorar tanto a minha realidade? Como podia fazer planos como aquele?

— O que foi? — perguntou, perdendo um pouco do brilho da emoção que havia demonstrado ao contar o seu plano.

— Eu não vou — fui direta. Gabriel me encarou sério. — Não tenho dinheiro para isso. Ainda nem sei se conseguirei ir para a faculdade no Rio de Janeiro! Coimbra não faz parte da minha realidade. Sinto muito.

— E se eu mandar o dinheiro?

— Não quero que você faça isso.

— Mas, Aurora...

— Meu pai nunca aceitaria — determinei, mesmo ciente de que mamãe o convenceria com muita facilidade. Gabriel suspirou, derrotado.

— Vamos dar um jeito — ele disse, por fim. — Não vou desistir de você com tanta facilidade.

Tais palavras teriam aquecido meu coração se não tivessem sido pronunciadas em um momento tão crítico. Gabriel já desistira de mim no momento em que cogitou mudar de país, quando aceitou que qualquer outro problema, do qual desejava fugir, tivesse mais peso do que o nosso relacionamento.

No entanto, como eu poderia julgá-lo por algo tão recente quanto o que vivíamos não ter qualquer peso em uma escolha com tamanha importância? E como poderia culpar Gabriel por desejar morar na Europa, especializando-se em uma faculdade importante, em vez de permanecer trancafiado naquela cidade por minha causa? Não. Eu jamais poderia julgá-lo nem odiá-lo pela sua escolha.

— É sério, Aurora! — disse, colocando mais intensidade em sua voz. — Não quero perder você. Vamos dar um jeito de ficar juntos.

E como eu nada poderia fazer para mudar a nossa realidade, concordei com aquela ilusão, obrigando-me a empurrar a tristeza para o fundo, para um lugar que só acessaria quando ele já estivesse distante, longe de mim para sempre.

— Tudo bem. Então a festa é uma despedida?

— Sim. Vou contar aos meus amigos a minha decisão. Meu pai está animado, já minha mãe... ela é complicada.

— Entendo.

Permiti que seus dedos entrelaçassem os meus outra vez. Queria tudo de Gabriel antes do adeus, cada mínimo gesto, cada palavra de ilusão.

— Você é tão nova, meu amor! Eu queria poder te levar comigo, mas seu pai com certeza mandaria me prender.

— Dezesesseis anos não é nova demais.

— Eu tenho dezenove, Aurora. Já sou maior de idade. Você, não.

— Sabia que Priscilla Presley tinha catorze anos quando começou a namorar com o Elvis?

Ele riu, deixando o clima mais leve. Dentro de mim a dor e tristeza ainda me machucavam sem cessar.

— Seu pai autorizaria?

— Não!

Ele riu outra vez enquanto eu me odiava por pensar mais uma vez em mamãe como uma aliada. Não. Jamais machucaria papai para conseguir algo desse tipo.

— Quando você vai?

— Logo depois da festa de Ano-Novo. — Acho que minha cara me denunciou. — Desculpe, brotinho! Não é muito fácil resolver a documentação. Preciso estar no Rio de Janeiro para organizar a minha partida.

— Eu entendo.

Seus dedos roçaram minha bochecha, e seus olhos me avaliavam com pesar.

— Não quero perder mais tempo pensando nisso — determinou, antes de puxar meu rosto para um beijo delicado. — Vou sentir a sua falta, pequena. — As pontas dos dedos desceram para meu pescoço ao mesmo tempo que sua língua adentrava minha boca aquecendo tudo dentro de mim.

Não sei dizer se estava mexida demais com sua partida tão prematura ou se aquela era a maneira como meu corpo correspondia a Gabriel. Quando ele me beijava, meu mundo mudava de eixo, minhas células se agitavam, meu peito não conseguia todo o ar do qual necessitava. Eu não conseguia pensar em mais nada além de permitir que Gabriel me tomasse para si.

Era um calor diferente, não queimava como estar exposta ao sol nem me abafava como os dias mais quentes de verão. Aquele calor avassalador levava ao meu corpo necessidades desconhecidas, gostos nada ortodoxos, desejos que me faziam corar só por senti-los, quem dirá poder um dia expressá-los.

Gabriel me puxou para perto, a mão descendo até a minha camisa, ultrapassando o tecido para que sua pele estivesse na minha. Meus batimentos cardíacos aceleraram de uma forma que fazia minha cabeça girar, aguçando aquelas necessidades estranhas. Enrosquei meus dedos em seu cabelo, puxando-o para mim, ansiando, desejando mais do que deveria.

Cansada e aturdida por tantos sentimentos que exigiam muito de mim, me deixei deitar na grama baixa, aceitando seu corpo quase sobre o meu. O beijo se intensificou, tornou-se urgente, a mão dele também assumiu certa ousadia, subindo um pouco mais do que costumava fazer. Gemidos baixos escapavam dos seus lábios e mexiam comigo, como se o som ativasse alguma coisa dentro de mim.

Então me dei conta de onde estávamos, do que fazíamos, e todo o encanto se perdeu. A vergonha tingiu minha face, esquentando minhas orelhas enquanto eu empurrava Gabriel de cima de mim e me levantava, tentando me recompor. Ele riu e gemeu de frustração. Não consegui evitar o sorriso que se abriu em meus lábios, deliciada demais com o seu interesse por mim.

— Não tem ninguém olhando, broto. E ainda temos um tempinho. — Ele não se levantou, permaneceu deitado, aguardando que eu voltasse ao meu lugar.

— Está no meu horário.

— Mentirosa. — Acabei rindo. — Senta aqui, prometo que vou me comportar.

— Promete mesmo?

Ele cruzou os dedos, beijando-os dos dois lados, depois riu da sua atitude. Fingi não me importar e me sentei um pouco mais afastada.

— Vou sentir muita saudade de você — revelou, voltando a abraçar os joelhos.

— Mentiroso!

— Não é mentira! — Gabriel se aproximou, sua mão outra vez em minha cintura, o calor voltando a correr por minhas veias, transformando meu sangue em fogo. — Só você me deixa louco assim, Aurora.

— Duvido!

— Nunca duvide de mim. Eu não minto!

Ele sempre dizia isso e levava a sério essa decisão. Eu costumava rir ou me orgulhar quando percebia que sua determinação o tornava um homem digno e honrado, mas na época eu não fazia ideia do quanto uma promessa de Gabriel poderia pesar nem de como seria impossível fugir dela.

Não sabia que Gabriel levaria a sua palavra até o fim, até quando não houvesse mais saída ou escapatória. Eu não fazia ideia de quem era Gabriel Ross.

